



A cidade também é cheia de contrastes. Casas mais imponentes convivem, democraticamente, com barracos. A falta de esgotos é um dos problemas mais sérios

# Uma cidade formada pelo desafio

ARTHUR HERDY

Em 1970, Brasília contava com várias invasões agregadas à antiga Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. Eram mais de 80 mil pessoas vivendo em cerca de 15 mil barracos, em condições precárias e de marginalidade social, na Vila do IAPI, Morro do Urubu, Curral das Éguas, Placa da Mercedes, Vila Tenório e Vila Esperança. Feitos estudos pelo governo, decidiu-se pela sua remoção.

Entre os motivos alegados, além do aspecto social e urbanístico — as invasões não tinham nenhuma infra-estrutura — existia ainda o perigo da poluição do Lago Paranoá, já que as vilas ficavam na área planejada para o "cinturão verde" do Plano Piloto. Formou-se então, o Grupo Executivo de Remoção — GER, e começaram os trabalhos de transferência dos favelados.

Para servir de suporte aos trabalhos de remoção, o governo do Distrito Federal criou a CEL — Campanha de Erradicação das Invasões. Veio daí o nome do Núcleo habitacional, CEL-Lândia, ou Terra de Cei, em homenagem aos técnicos e ao próprio programa.

Escolhido o novo local, próximo a Taguatinga e acima de onde seria construída a Barragem do Rio Descoberto, elaborou-se um projeto urbanístico e a área ganhou alguma infra-estrutura, mas bastante precária. O local escolhido era um "cerradão." Segundo contam os moradores, as dificuldades eram muitas e os desafios maiores ainda.

Em 27 de março de 1971, saiu a invasão do IAPI o primeiro barraco para a Ceilândia. Edite Martins recebeu a ordem de ocupação nº 0001 e foi alojada na QNM 23, Lote 12. De positivo e real, apenas um lote e muitos sonhos. De negativo, a poeira, a grande distância, a falta de infra-estrutura urbana, de atendimento de saúde, escolas, segurança, transportes, água, luz, telefone. Sobrava apenas a esperança de dias melhores.

Os próprios "invasores", removidos, construíram seus barracos, na terra prometida por Dom Bosco e que lhes foi destinada em forma de pequenos lotes. Mas para quem não tinha nada, já foi um primeiro passo. A CEL oferecia uma parte do material para a construção dos novos barracos, como madeiras, pregos, etc. Assim mesmo os problemas eram muitos.

Invasão do IAPI, Vila Tenório, Placa de Mercedes, enfim, uma a uma foi sendo removida. Concentrou-se então várias favelas em um único local. Na Ceilândia, foi alojada uma população cuja renda era de zero a três salários mínimos. Criou-se, então, a fama de que a Ceilândia era a "maior favela do Distrito Federal", cidade de crimes, marginais, prostitutas e de muitos problemas. No dia cinco de março de 1972, removeu-se o último barraco para aquela nova cidade-satélite.

O tempo foi passando. Os problemas continuaram. Alguns foram resolvidos, outros desafiavam o tempo e persistem até os dias de hoje. Para que se tenha uma idéia, Ceilândia passou cinco anos sem água, sem contar a falta de atendimento médico-hospitalar. A água chegou, o atendimento de saúde também — a cidade conta com um posto de saúde, um Hospital Regional com maternidade e, ainda, com nove centros de saúde. Carece ainda de mais segurança — a cidade tem apenas uma delegacia de polícia — e empregos para seus moradores.

## DORMITÓRIO

Para se definir Ceilândia de hoje, inicialmente é preciso deixar claro que o núcleo habitacional não é uma cidade-satélite, embora já tenha se desmembrado da Região Administrativa III, que compreende a área de Taguatinga.

Por um lado, Ceilândia de hoje é uma "cidade" dormitório, onde moram as pessoas de menor poder aquisitivo dentro do Distrito Federal. Por outro, abriga um comércio regular e um certo desenvolvimento de pequenas indústrias, como serralherias, fábricas de pré-moldados para pequenas construções e oficinas mecânicas.

O seu desenvolvimento industrial não é maior, porque até hoje ainda não foi totalmente implantado o setor de indústrias locais, objeto de luta de seus empresários há muitos anos. A área já está definida e com infra-estrutura, mas ainda permanece um impasse quanto aos preços dos lotes, considerados altos pelos empresários.

Mas o lado negativo da cidade predomina. As deficiências aumentaram nos últimos anos, com a anexação à sua área, de três novos núcleos residenciais, a Guariroba, Setor O, e Setores "P" Norte e Sul. Foram 28.118 casas incorporadas e assim divididas: a Guariroba com 7.018; o

Setor "O" com 6.700 e os Setores P, com 15.400 moradias.

Tomando-se por base uma média de cinco pessoas por residência, a população da cidade aumentou em cerca de 150 mil moradores de uma hora para outra, cifra semelhante à população de poucas cidades do País. Sem contar, ainda, o natural crescimento demográfico e que é acentuado pelos migrantes que buscam na periferia o local para se estabelecer.

Segundo afirma a administradora regional, Maria de Lourdes Abadia, "os nossos problemas aumentaram consideravelmente com a inclusão dos três setores habitacionais, todos carentes e necessitados de obras de infra-estrutura, já que foram entregues sem que fossem implantadas".

As casas foram construídas pelo Banco Nacional da Habitação — BNH e distribuídas através da Sociedade de Habitação e Interesse Social — SHIS. Atualmente, os setores "P" Norte e Sul estão recebendo várias obras

de infra-estrutura e se transformam no grande canteiro de obras do Distrito Federal.

## DESEMPREGO

Além dos problemas decorrentes de carências na área física, o maior de todos é o desemprego, que tem, como consequência, a marginalidade social, com o crime, a violência e a prostituição aumentando dia a dia. A causa principal desse problema foi o desaquecimento da construção civil no Distrito Federal e que se refletiu diretamente em Ceilândia, onde residia a maioria dos operários e empregados das obras.

Sem emprego, com poucas perspectivas, o morador de Ceilândia busca nas chamadas "ocupações alternativas" — os biscateiros e camelôs —, o trabalho para ganhar o mínimo e não morrer de fome. Por outro lado, as "ocupações marginais" e o crime cresceram em porcentagem que de tão alta, criou para Ceilândia a imagem de "Baixada Fluminense" do DF.

Para os sociólogos. "é a ne-

cessidade gerando a violência e o crime, pois, cansado de bater de porta em porta à procura de trabalho, cansado de não haver vagas, o homem em desespero parte para a desestruturação, tanto a nível de consciência como no que diz respeito à convivência social".

Desesperado ao constatar que seus familiares estão passando necessidades, o desempregado parte para o crime, a marginalidade, o alcoolismo, as drogas e a prostituição.

Ainda dentro da visão dos sociólogos, no que diz respeito à marginalidade e prostituição, um dos fatos marcantes é que os moradores de Ceilândia mais novos, filhos dos "pioneiros" que trabalharam na construção civil, não aceitam o mesmo destino do pai, influenciados pela TV e por um certo esclarecimento — Ceilândia tem atualmente 100 mil crianças matriculadas em suas escolas —, eles se rebelam e partem para criminalidade, como forma não de sobrevivência, mas de agredir a uma so-

cidade que os humilha e oprime.

Essa tese encontra respaldo no fato de que, a faixa etária dos assaltantes e marginais situa-se entre 16 e 24 anos, sendo que, precocemente, é grande o número de "pivetes" de menos de 16 anos. Quanto à prostituição, em alguns casos uma forma encontrada pelos pais, de forçar suas filhas a trazerem dinheiro para sustentar a casa é tão expressiva na cidade que já foram catalogados 49 prostíbulo.

Com alguns acertos e muitos erros, um deles, o mais grave, a concentração de favelado, projeto que havia fracassado no Rio de Janeiro, onde fizeram o mesmo, Ceilândia chega aos 11 anos.

A administradora regional tem esperança em dias melhores. Os comerciantes, empresários e moradores também. E cobram do Presidente João Figueiredo a sua promessa de transformar a cidade "na menina dos seus olhos", como ele prometeu ao assumir o governo.